

# Comentários sobre *Além do princípio do prazer*

*Paulo Henrique Favalli\**, Porto Alegre

*Jair Knijnik\*\**, Porto Alegre

*Ana Rita Taschetto\*\*\**, Porto Alegre

*Lúcia Chassot Rubin\*\*\*\**, Porto Alegre

*Márcia Padilla Knijnik\*\*\*\*\**, Porto Alegre

*Este trabalho é resultante de discussões havidas em um grupo cujo propósito é reestudar a obra de Freud. Decidimos por apresentar nossa releitura do Além do princípio do prazer (Freud, 1920) por ser esse um dos textos que mais tem provocado polêmicas entre os psicanalistas. Optamos por expor nossas observações sobre quatro temas que dominam a teorização de Freud. O primeiro desses temas refere-se à superposição entre um princípio econômico de quantidades de energias e outro de qualidades sensoriais como prazer e desprazer. A dificuldade teórica parece resultar da tentativa de equacionar prazer e descarga. Sugerimos realocar o princípio do prazer fora da teoria econômica, definindo seu espaço dentro da experiência estética (sensorial). Outra teorização desenvolvida no texto diz respeito às energias livres e ligadas. Questionamos a proposta freudiana que sugere ser a energia livre característica do processo primário, sendo energia ligada própria do processo secundário. O terceiro tema sobre a compulsão à repetição nos leva a reconhecer duas formas de ocorrência deste fenômeno: uma que seria impulsionada por Eros, na tentativa de viabilizar ligações, e outra*

---

\* Psicanalista, analista didata, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

\*\* Psicanalista, membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

\*\*\* Psicóloga, membro aspirante graduada da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

\*\*\*\* Psicóloga, membro aspirante graduada da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

\*\*\*\*\* Psicóloga, membro aspirante graduada da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

*que visaria apenas à descarga, no sentido de manter a inércia. Finalizando, buscamos construir uma abordagem crítica à tentativa de relacionar ódio e agressão com a pulsão de morte.*

*Palavras-chave: pulsão de morte, pulsão de vida, princípio do prazer, ligação, desligamento, compulsão à repetição, ódio, agressividade.*

## **Introdução**

Este trabalho é resultante de discussões havidas em um grupo cujo propósito é reestudar a obra de Freud. Decidimos por apresentar nossa releitura do *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920) por ser esse um dos textos que mais tem provocado polêmicas entre os psicanalistas, complexo, repleto de meandros de especulação teórica, cujas proposições são deixadas em aberto com o intuito explícito de conduzir a novas investigações.

Tomamos como princípio de trabalho nos restringir ao texto freudiano, deixando de lado, neste momento, tantos outros autores que se dedicaram ao mesmo tema. Nosso objetivo foi nos confrontarmos com as ideias ali expostas, tentando articular sua coerência, mas também observando as eventuais contradições ou insuficiências surgidas. No intuito de buscarmos a síntese evitamos apresentar neste trabalho uma revisão linear do texto. Optamos por expor nossas observações sobre quatro temas que dominam a teorização de Freud. São esses: a superposição entre um princípio econômico de quantidades de energias e outro de qualidades sensoriais como prazer e desprazer, ligação e desligamento, a compulsão à repetição e, por fim, a relação entre pulsões de vida/pulsões de morte e a polaridade amor/ódio.

## **A sobreposição desprazer/prazer – carga/descarga**

A proposição de Freud (1920) de definir a busca do prazer como o princípio organizador dos processos mentais mostrou-se insuficiente para dar conta de fenômenos que se apresentaram à sua aguçada observação psicanalítica. Cabia, portanto, avançar para *mais além* daquilo que ele havia sugerido. No início de seu texto Freud retoma a conceituação inicial dada a esse princípio: seu propósito seria evitar o desprazer produzido por um acúmulo de excitação no sistema psíquico, sendo que o prazer estaria associado à descarga da excitação. Freud

lembra que essa abordagem leva em conta apenas o fator econômico da construção metapsicológica. Reconhece que essa é uma área ainda obscura da vida psíquica e que gostaria de contar com “uma teoria filosófica ou psicológica que soubesse informar sobre os significados das sensações de prazer e desprazer tão imperativas para a psique” (p. 135).

A primeira dificuldade apontada está no fato de não haver uma correspondência proporcional entre a quantidade de excitação e a intensidade das sensações provocadas, sendo necessário levar em conta o fator tempo de duração da excitação.

O recurso à proposição de G. Th. Fechner traz outro rumo à investigação, pois esse autor não fala em redução total das excitações, mas destaca as condições de estabilidade-instabilidade do sistema de excitações:

[...] todo o movimento psicofísico que atravessa o limiar da consciência está dotado de prazer, na medida em que, acima de certo nível, aproxima-se da estabilidade completa; contudo, além de certo nível, estará dotado de desprazer, na medida em que se desvia da estabilidade completa; todavia, entre esses dois limites que podem ser caracterizados como limiares de prazer e desprazer, subsiste uma zona de indiferença estética [...] (Fechner *apud* Freud, 1920, p. 136).

A formulação de Fechner não é clara quanto ao que ele entende por *limiar da consciência* e o que seria ir *além de um certo nível*, no entanto torna evidente que, enquanto *sensações*, prazer e desprazer só podem ser apreendidos pela consciência. Esse não é o caso quando falamos de carga e descarga de pulsões. Por outro lado, mais do que de eliminação das tensões, Fechner fala de um nível de estabilidade. Uma tensão mantida constante (princípio da constância) é diferente de sua redução a zero. Se tomássemos o prazer como o alcance desse zero, chegaríamos a um estado de total ausência de sensações (Nirvana). Talvez, por isso, Freud faça a advertência de que, em rigor, seria incorreto falar de um domínio do princípio do prazer e que seria preferível admitir uma forte tendência a esse princípio. A nosso ver essa afirmação seria mais apropriada se, em vez de propor uma tendência ao princípio do prazer, propusesse uma tendência à descarga. Pois dessa forma poderíamos distinguir o princípio econômico daquilo que seria da ordem sensorial (prazer/desprazer).

A dificuldade teórica parece resultar da tentativa de equacionar prazer e descarga. Se anteciparmos a elaboração que surgiria três anos após a publicação do texto em questão, teríamos que reconhecer que estamos tratando de fenômenos

próprios a diferentes estruturas. Prazer/desprazer são sensações captadas pelo eu (Pcpt-Cs), que pode apreender o belo, o ético e o estético, enquanto que carga e descarga pertencem às funções do id (Freud, 1923).

Mesmo admitindo, mais tarde, que há aumento de tensões que possam ser vivenciadas como prazer (a excitação sexual é o protótipo) e descargas desprazerosas, Freud manteve por toda a sua obra essa correlação de caráter econômico. No entanto, vai se tornando evidente a inoperância de uma relação direta entre qualidades sensoriais de prazer e desprazer e o investimento quantitativo das moções pulsionais. Se entendermos a postulação de Fechner como limiares *qualitativos* de consciência, o problema se torna mais claro. Uma excitação que atinge a consciência promovendo a qualidade de prazer e que pode, *acima de certo nível*, transformar-se qualitativamente em desprazer, como no caso da dor.

É o próprio Freud que expõe o descompasso entre prazer e descarga. Lembra o que já formulara em 1911, quando introduz o *princípio da realidade* que exige a postergação de uma satisfação imediata em prol da obtenção de um prazer final mais efetivo. Por outro lado, se as pulsões sexuais não se mostram educáveis e não se ajustam ao princípio da realidade, podem prejudicar o organismo inteiro, constituindo-se, portanto, em fontes de desprazer. Além disso Freud lembra o sintoma neurótico que, por sua própria condição, pode causar imenso desprazer e tem como objetivo dar uma satisfação substitutiva à pulsão. Nesse ponto a incongruência teórica leva Freud a valer-se de formulações que propositadamente soam como paradoxos: “[...] esse resultado [a satisfação substitutiva do sintoma], que normalmente teria sido uma possibilidade de sentir prazer, será sentido pelo Eu como desprazer”. E mais adiante: “[...] mas não há dúvida que todo o desprazer neurótico é desta espécie: um prazer que não pode ser sentido como tal” (Freud, 1920, p. 138).

Conclui dizendo que, “para explicarmos esses fenômenos de desprazer, não parece necessário incluímos em nossa teoria uma hipótese de que haja mais alguma forma de limitação ao princípio do prazer” (p. 139). Sem dúvida, nada indica que se deva propugnar por sua revogação. A busca pelo prazer continua sendo a grande mola propulsora da vida mental. O que se faz necessário é realocar tal princípio fora da teoria econômica, definindo seu espaço dentro da experiência estética (sensorial), para a qual concorre uma complexidade de fatores entre os quais até mesmo o aumento de tensões<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Usamos o conceito de estética como surge em sua origem, do grego *aisthesis*, que significa *faculdade de sentir*, ou seja, a percepção obtida através dos órgãos dos sentidos. Este conceito difere do sentido mais moderno do termo, que é o estudo do belo. É também o sentido dado na citação de Fechner referida no texto freudiano.

## Energia livre e ligada

O capítulo IV do texto em estudo visa a avançar na compreensão das energias que movimentam o aparelho psíquico. Agora não mais se restringe às quantidades de cargas energéticas, mas confere uma qualidade funcional a essas cargas. A distribuição de energia dentro dos sistemas se dá de modo diferente. Há aquelas que, não ligadas, circulam livremente em certas zonas do aparelho mental e tendem ao seu esgotamento. Mas há também as cargas ligadas que, ao invés de buscarem a eliminação pela descarga, procuram vincular-se a uma *representação* que as absorva<sup>2</sup>. Para sustentar sua conceitualização, Freud elabora um modelo especulativo que mesmo não tendo correspondência anatômica ou biológica, serve aos propósitos de definir ligação e desligamento em termos metapsicológicos. O modelo é o da vesícula indiferenciada. Essa vesícula, em última instância, seria a representação do aparelho mental, com uma extremidade senso-perceptiva especializada em captar os estímulos externos e internos. Esses últimos, naturalmente, correspondem às demandas pulsionais. O sistema percepção-consciência, ao receber energia, não oferece resistência, de modo a não deixar marcas. Isto pode ser devido a uma calcinação pelo contato continuado com estímulos externos de grande magnitude, o que a deixaria enrijecida no sentido de não permitir modificações posteriores. Os estímulos não se detêm nessa camada perceptiva, circulam livremente por ela indo atingir outros sistemas onde deixam traços de memória, ou, como já sugerimos, onde são enlaçados, capturados, ligando-se a uma representação. Os outros sistemas são o inconsciente e o pré-consciente, enquanto que a superfície perceptiva corresponde à consciência. O modelo parece ser coerente, pois, se os estímulos deixassem marcas duradouras na consciência, logo a sobrecarregariam e limitariam sua capacidade para receber novas excitações. Nesse caso estaríamos diante da condição absurda tão bem narrada por J. L. Borges (1944) no conto *Funes, o memorioso*. Por outro lado o sistema de percepção-consciência exerce um papel de filtro ou escudo protetor que limita o excesso de estímulos externos<sup>3</sup>. Tal já não acontece com os estímulos internos, que podem também atingir um aumento desprazeroso. Freud, nesse caso,

<sup>2</sup> Freud, nesse texto, não faz referência à *representação* e sim a traços de memória, conforme o modelo descrito na *Interpretação dos sonhos*, mas podemos livremente adotar essa terminologia, já que a energia do impulso liga-se, na mente, a uma representação.

<sup>3</sup> Freud lembra Kant, para quem as noções de tempo e espaço são formas necessárias de nosso pensamento. Mas são características próprias do modo de trabalhar do sistema Pcpt-Cs. Sugere que tais noções também compõem o escudo protetor; como se o Cs dissesse ao lcs: "Calma, isso não está acontecendo agora, isso foi no passado". O lcs, por seu lado, dá um caráter de agora, pois é atemporal.

sugere que há uma tendência a lidar com as excitações internas como se elas viessem do exterior, sendo essa a origem da projeção. Reporta-se assim ao que já havia sugerido em *Pulsões e destinos da pulsão* (Freud, 1915): o eu-puro-prazer situa fora de si a fonte do desprazer.

Freud deixa de mencionar, no entanto, que outra forma habitual de opor-se às excitações internas desprazerosas é o recalque. Quando grandes quantidades de estímulos inundam o aparelho psíquico, rompendo o escudo protetor, temos a condição conhecida como trauma. Uma grande quantidade de excitação tende a circular livremente, sem que haja disponibilidade do psiquismo de vinculá-la a representações. O recurso defensivo está na tentativa de capturar e ligar esse excesso de estímulos, para que possam ser processados psiquicamente. De forma análoga à dor física, a dor psíquica desencadeada pelo trauma promove um contrainvestimento, ou seja, uma grande quantidade de energia se concentra na experiência traumática, havendo um empobrecimento de outros investimentos psíquicos. Quanto maior for a carga de investimento psíquico disponível no estado de repouso, maior a capacidade do sistema de ligar a sobrecarga de estímulos na ocorrência traumática. A proposição surgida em 1926 sobre a função da ansiedade como sinal de perigo ensaia aqui seus primeiros passos. O trauma se dá pelo fator surpresa, o organismo não está preparado (pelo baixo estoque de energia de investimento em repouso) para produzir a ansiedade necessária e desencadear mecanismos de ligação.

Apesar de, neste capítulo, não vincular diretamente à teoria pulsional suas ideias sobre ligação e desligamento, Freud abre caminho para as teses que passa a propor. A força que age no aparelho psíquico no sentido de efetuar ligações é certamente a força da pulsão sexual (Eros), enquanto que o desligamento e a tendência ao esgotamento imediato da energia psíquica seria a característica da pulsão de morte. Mais adiante, no texto sobre *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud irá explicitar essa posição quando sugere que a busca de uma redução dos estímulos a zero será regida pelo *princípio de Nirvana* e expressa a tendência da pulsão de morte; o *princípio do prazer* representa as exigências da libido e sua modificação, o *princípio da realidade*, representa a influência do mundo exterior.

Cabe ainda uma consideração sobre a ideia de energia livre e ligada. O capítulo IV de *Além do princípio do prazer* parece trazer um novo esclarecimento metapsicológico aos conceitos tomados por empréstimo da física. Essa tentativa de acomodar modelos do funcionamento mental às observações feitas a outros fenômenos da natureza nem sempre foi bem-sucedida. Tal parece ser o caso do que tem sido entendido como energia livre e ligada. Para Freud a energia livre

caracteriza o processo primário, na medida em que ela se escoar em direção à descarga da maneira mais rápida e direta possível. No processo secundário a energia é ligada, pois seu movimento em direção à descarga é retardado e controlado (Laplanche & Pontalis, 1967). O capítulo IV, no entanto, aponta para outra possibilidade, na medida em que o modelo da vesícula propõe um sistema externo (Pcpt-Cs) no qual a energia proveniente das excitações circularia livremente, sem deixar atrás de si uma alteração permanente em seus elementos (traços de memória). Já nas camadas mais profundas a energia provocaria modificações ligando-se a memórias. Como propusemos anteriormente, a versão metapsicológica desse processo nos permite dizer que a energia livre da pulsão tende a se escoar de forma rápida e direta até o momento de ser ligada a uma representação mental. A observação de um bebê recém-nascido confirma esta hipótese. Nos primeiros dias o bebê parece expressar esse quantum de energia pulsional através de gestos desordenados, expressões faciais inconsistentes, ou pelo choro nem sempre resultante de fome. À medida que a criança liga essas sensações a experiências emocionais significativas, seus gestos se acalmam e respondem a estímulos externos, surge o sorriso diante da presença da mãe e o choro torna-se expressão de algum mal-estar. Em suma, a energia pulsional passa a ligar-se a representações mentais que constituem os primeiros traços de memória. Portanto, evidenciam-se dois destinos da pulsão (ou duas pulsões com destinos antagônicos?): o escoamento livre tendendo ao esgotamento da energia, descarga, nirvana; ou a ligação a representações mentais que podem suportar a excitação energética formando novos vínculos em um movimento vital progressivo (Eros).

Essa compreensão questiona a proposição freudiana de articular energia livre a processo primário e energia ligada a processo secundário<sup>4</sup>. Isso porque ambos os processos se referem a formas do pensamento, e não podemos imaginar pensamento sem representação mental. O processo primário é característico dos sonhos, mas nossos sonhos são repletos de representações. Elas podem surgir deslocadas, condensadas, simbolizadas, mas contendo em si toda a carga pulsional que as provoca. Se a energia pulsional manifestada nos sonhos fluísse livremente em direção à descarga, não haveria sonho. Podemos dizer que o processo primário caracteriza-se não pelo esgotamento livre de energia, mas pela volatilização das representações inconscientes sujeitas a deslocamentos, condensações, mas sempre buscando capturar a energia pulsional dando um novo destino a sua descarga.

---

<sup>4</sup> “[...] tampouco seria necessário fazermos um grande esforço para identificar o processo psíquico primário com as cargas de investimento livremente móveis e o processo secundário com as modificações que se produzem nas cargas de investimento presas [...]”. *Além do princípio do prazer*, p. 158.



Sendo assim, não é o fator econômico de escoamento rápido de energia que diferencia o processo primário do secundário e sim a forma como a pulsão joga com suas representações, seja através de *identidade de percepção* buscando estabelecer equivalências imediatas entre as representações (própria ao sistema Ics), seja pela *identidade de pensamento* (própria dos sistemas Pcs e Cs) na qual o pensamento preocupa-se com os caminhos de ligação entre as representações sem deixar-se extraviar pelas intensidades dessas (Freud, 1900).

## Compulsão à repetição

Freud avança em sua pesquisa trazendo à análise três condições básicas que se apresentam como eventos que contrariam o princípio do prazer (as neuroses traumáticas e seus sonhos repetitivos, a repetição transferencial e uma brincadeira infantil, o jogo do *fort-da*).

Na primeira delas, a neurose traumática, destaca-se a repetição da situação traumática nos sonhos desses pacientes. Isso poderia contradizer a tese de que os sonhos são realizações de desejos. O doente estaria, portanto, psiquicamente fixado ao trauma. Seria mais de acordo com a teoria original que, nos sonhos, os pacientes traumatizados buscassem reproduzir imagem de momentos em que usufruíam de boa saúde e satisfação. As explicações provisórias para esse fenômeno propõem que os sonhos de repetição buscam recuperar o investimento necessário de energia inexistente no momento do trauma. Seria uma maneira de instrumentar o sujeito de forma a evitar o despreparo na hora do susto. Na situação de análise esses sonhos repetitivos têm a função de recuperação do que fora recalcado, permitindo, então, a elaboração da vivência traumática. Mas fora da análise também encontramos sonhos que obedeceriam apenas a compulsão à repetição, sem que qualquer função elaborativa possa se atribuir a eles. Esses sonhos se repetem sempre da mesma forma, não proporcionando uma nova via de ligação dos estímulos traumáticos e, portanto, não promovendo alívio do sofrimento psíquico. Entendemos que os sonhos de compulsão à repetição visam apenas a eliminar, descarregar o estímulo, o que, não ocorrendo, resulta em repetição. Se fosse possível a ligação, isso implicaria em suportar a carga energética e descarregá-la de maneira apropriada, em acordo com o princípio da realidade. Como é sabido, esses sonhos não promovem alívio ou elaboração da situação traumática. Daí a sugestão (acrescentada em 1921): para justificar tal repetição, teríamos de “invocar enigmáticas tendências masoquistas do Eu” (Freud, 1920, p. 140).

A seguir Freud examina a repetição na transferência. Aqui estaríamos diante



de uma tentativa do recalçado de livrar-se da barreira do recalque e abrir caminho para sua expressão consciente. Como já foi dito por Freud, o recalçado (representação e afeto) não é eliminado, permanece agindo no inconsciente como *um fora da lei*. Se a moção pulsional foi, em determinado momento, objeto do recalque, é porque sua liberação poderia gerar desprazer. Freud busca uma explicação para tal paradoxo dizendo que aquilo que é prazer para um sistema é desprazer para outro, ou seja, como já foi referido anteriormente, antecipa a teoria estrutural: o que é prazer para o id não seria prazer para o eu. Mas como falar em *prazer* do id, já que prazer está na ordem do sensório, sua sede, portanto, sendo o eu?

Assim a repetição transferencial seria, neste caso, uma função do eu que, semelhante à formação do sintoma, expressaria uma formação de compromisso: a atuação transferencial visando à satisfação da pulsão, mas sem abrir mão do recalque. Até aqui não há por que supor a ocorrência de outra pulsão, antagônica à sexual, para explicar a compulsão à repetição.

No entanto a dificuldade de compreensão surge quando o que é repetido na transferência é algo que em nenhum momento foi experiência de satisfação. Freud faz referência ao fracasso da sexualidade infantil, que causa um dano permanente ao nosso sentimento de autoestima na forma de uma cicatriz narcísica (sentimento de inferioridade). Por exemplo, um anseio edípico não foi satisfeito nem em sua origem, mesmo assim é repetido compulsivamente. Isso posto, comprova que, em sua origem, essas fantasias são fadadas ao sofrimento, mas, mesmo assim, repetidas: “Há uma coação que obriga a essa repetição” (Freud, 1920, p. 147). Supõe-se que a coação seria devida a uma força pulsional que agiria contra a possibilidade de obter um novo resultado. Freud destaca ainda que o mesmo processo age em outros quadros neuróticos, sobretudo nas conhecidas “neuroses de destino”.

O que se pode especular, porém, é o seguinte: o que é buscado é um prazer mais primitivo, qual seja, aquele que implica em desconsideração à realidade. Como já teorizara em *Pulsões e destinos da pulsão*, o eu-puro-prazer odeia a realidade, o não-eu. O investimento narcísico implicaria neste *prazer* mais primitivo. Mas ainda aí seria um prazer demoníaco, autodestrutivo, pois, como alerta o próprio mito, a gratificação narcísica, em última instância, conduz à morte. Não se trata mais de uma pulsão que busca o objeto para sua satisfação, mas uma pulsão que engendra o próprio autoaniquilamento. O princípio do prazer parece ser regulado pelo eu no sentido de sua conservação e desenvolvimento: “Vou parar de querer mamãe, vou esperar crescer e vou procurar alguém que me lembre dela, mas que nunca será ela. Por aquela devo enlutar-me, o que implica considerar

a realidade, representar o objeto psiquicamente e suportar a dor da desilusão, eu realidade”.

Na análise do jogo do *fort-da* surgem outras hipóteses. Como conciliar o princípio do prazer com o fato de se repetir a experiência dolorosa, já que não há um ganho em prazer nem satisfação da moção pulsional? O primeiro ato do brinquedo (que representava a perda do objeto) era mais repetido do que o segundo (que poderia representar a recompensa da recuperação do objeto perdido). O que está em jogo são tentativas de se sobrepor à experiência de frustração da libido: passar de uma posição passiva para ativa e ter a posse do objeto (pulsão de apoderamento). Outra hipótese seria a ocorrência de um impulso de vingança (novamente a ideia de uma moção primária): “Vá embora, não preciso de ti; eu mesmo te mando embora”. Nessas duas hipóteses (nas quais Freud sugere a existência de outras pulsões), o que está em jogo são tentativas de se sobrepor à experiência de frustração da libido (aqui expressada no vínculo com a mãe): ter a posse do objeto ou não precisar dele. Um movimento regressivo de recuperação do eu puro prazer (*Pulsões e destinos da pulsão*) para o qual o não-eu frustrante é rejeitado. Nas duas situações referidas por Freud o intento da ocorrência mental (jogar o objeto) não é o prazer/descarga, mas afastar o desprazer. A pulsão de apoderamento do objeto é para que esse não frustre, não tenha vida própria. O prazer de outra ordem, referido no texto, seria, então, o prazer narcisista de ter domínio sobre o objeto.

Outra alternativa nos é apresentada por Freud para justificar o jogo do *fort-da*: seria a repetição uma forma de ab-reagir à intensidade da experiência. Associa isso com a tragédia e sua função catártica.

Mas em que consiste o mecanismo de ab-reação?

A resposta remete novamente ao raciocínio econômico, ou seja, sobre o montante de cargas e descargas de excitação provenientes de uma experiência psicológica. A quantidade de energia acumulada vai se expressar pelo afeto que acompanha a experiência. Não havendo a possibilidade de descarga adequada do afeto (por excesso de excitação no caso da situação traumática ou pelo recalque da representação), o afeto persistirá em forma de ansiedade. Segundo Laplanche e Pontalis (1967), a ab-reação é o caminho que permite ao sujeito reagir a um acontecimento e evitar que ele conserve um quantum de afeto demasiado importante. Nos *Estudos sobre histeria* (1895), Freud descreva a ab-reação como um verdadeiro trabalho de rememoração e elaboração psíquica em que o mesmo afeto se acha reavivado correlativamente à recordação dos diferentes acontecimentos que o suscitaram (Laplanche & Pontalis). O afeto, portanto, busca uma representação (recordação) para descarregar-se. Parece, então, que Freud

sugeria que o afeto deveria *ligar-se* à representação original para poder ser aliviado de sua carga. Se a representação permanece reprimida, o afeto fica encurralado entre a necessidade de descarga e a repressão. Daí gera-se o sintoma, que é uma tentativa de descarga desviante, ou gera-se ansiedade, que, segundo sua primeira teoria, é o excesso de afeto que extravasa. Sabe-se que o paciente traumatizado sente alívio quando consegue falar sobre o trauma e reviver a emoção daquele momento (ligação). Supomos que isso seja ab-reagir. A partir de outro vértice podemos sugerir que ab-reagir significa descarregar um afeto pela via psíquica, da rememoração, através de ligações entre as representações, em contraposição à via somática ou motora (*acting-out*). Isso nos permite outorgar à ab-reação a função de ligação (descarga pela via psíquica, se quiserem manter fidelidade à tese econômica), enquanto que o desligamento seria a impossibilidade de seguir o caminho psíquico.

Mas, na referida compulsão à repetição não se obtém esse alívio proporcionado pela ab-reação, e a situação volta a se repetir incessantemente. Daí a hipótese de uma pulsão que não permite que o sujeito busque novos investimentos afetivos.

Concluimos, então, sobre a ocorrência de dois tipos de compulsão à repetição: uma que seria impulsionada por Eros, na tentativa de viabilizar ligações, e outra que visaria apenas à descarga, no sentido de manter o *eterno retorno do mesmo*, a inércia.

## **Pulsão de morte e agressividade**

Uma vez definidas as condições de cargas livres e ligadas a partir do modelo da vesícula indiferenciada e dos estímulos externos, Freud (1920) direciona seu questionamento para os estímulos internos, ou seja, para a natureza essencial das pulsões. Tema que ele mesmo admite ser o mais importante e mais obscuro da pesquisa psicológica. Parte de uma premissa passível de questionamento: a que propõe que as pulsões entram nos processos que operam com energia móvel, livre. Mas, se no modelo da vesícula os estímulos externos podiam ligar-se deixando traços de memória, por que o mesmo não ocorreria com os estímulos internos? Além disso, sugere que a tarefa das camadas superiores do aparelho psíquico seria justamente enlaçar, ligar as excitações pulsionais. Portanto, ainda que em última instância busquem a descarga, há pulsões que se revelam propícias à tarefa de ligação.

Freud, no entanto, refere-se ao caráter *demoníaco* das pulsões e ilustra essa

ideia retomando o tema da compulsão à repetição. Se a repetição se dá em forma de automatismo, destituída de qualquer intento que vise a uma possível mudança, podemos designá-la como demoníaca, pois implica na descarga pura e simples de energia (como nos gestos desordenados de um bebê). No entanto, os exemplos propostos por Freud não revelam esse caráter. Na brincadeira infantil, a criança repete uma vivência desagradável, mas buscando adquirir maestria ou o controle da situação. Na transferência, na neurose ou no sonho há o desejo de criar novas ligações às representações mantidas no inconsciente pelo recalque. Mesmo assim deve-se reconhecer a relação entre o pulsional e a compulsão a repetir. Para discernir o que pode ser específico da pulsão, Freud propõe uma linha de raciocínio essencialmente dialética, na qual suas premissas são seguidas de contestações que dão lugar a novas teses e assim por diante.

Parte da proposição inicial de que “uma pulsão seria, portanto, uma força impelente interna ao organismo vivo que visa reestabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas” (*Ibid.*, p. 160). Já no parágrafo seguinte se contrapõe a essa premissa pelo estranhamento que ela causa, pois afinal estamos habituados a ver a pulsão como um fator que impele à mudança ao desenvolvimento. Dá a entender, portanto, que sua premissa provisória é passível de contestação, não abarcando a totalidade do fenômeno das pulsões. Ora, na tese sugerida, o *estado anterior* ao ser vivo seria o estado inanimado, anorgânico. Disso conclui que *o objetivo de toda a vida seria a morte*. Mesmo as pulsões chamadas de autoconservação teriam esse caráter conservador, regressivo, pois atestam que o organismo quer morrer, mas a seu modo, por suas próprias leis internas. Após tecer considerações sobre essa disposição regressiva das pulsões, situando a origem do fenômeno vital na ação de estímulos externos, Freud faz uma reviravolta no texto por uma exclamação: “Se pensarmos bem isso não pode ser assim!” (1920, p. 163).

Lembra que nem todos os organismos elementares perfazem inteiramente o curso do desenvolvimento até a morte natural. Existem as células germinativas que repetem o processo que lhes deu origem e, ao invés de se dirigirem à morte, promovem um novo desenvolvimento. É significativo que a ação dessas células que trabalham contra a morte seja a fusão (ligação) com outras células semelhantes, mas diferentes. A energia mobilizadora desses organismos elementares pode ser inserida dentro do grupo denominado de pulsões sexuais, agora chamadas de pulsões de vida. Sua função é promover ligações capazes de gerar vida. No que diz respeito à vida psíquica, essas ligações têm a função já referida anteriormente, isto é, vinculam a carga pulsional a representações mentais que, relacionadas (ligadas) entre si, criam novas unidades, num processo contínuo e complexo de

desenvolvimento mental. Por isso são também referidas como sob o domínio de Eros, essa virtude atrativa que leva as coisas a se juntarem criando vida.

Freud tenta não abdicar de sua ideia inicial de que todas as pulsões são conservadoras. Diz que as células germinativas também voltam aos estados arcaicos da substância viva, ou seja, retornam ao estado embrionário para retomar o percurso do desenvolvimento. É preciso lembrar que, mesmo que haja esse retorno a um estado inicial, esse jamais será a repetição da condição anterior. O que se gera é um novo ser, uma nova personalidade, com características específicas e próprias. O processo evolutivo não volta atrás.

Permanece, no entanto, a ideia de uma disposição pulsional que, ao contrário de promover ligações, visa ao desligamento e ao efetivo retorno ao inanimado. São essas as pulsões de morte propriamente ditas. São silenciosas e só cessam quando alcançam o estado de total repouso e ausência de estímulos.

Mais uma vez surge a contestação, pois afinal é próprio de toda pulsão buscar a descarga. Mas, de um lado, essa é precipitada da maneira mais rápida possível pelo livre escoamento de energia. Do outro lado, a descarga é postergada permitindo o aproveitamento da energia para promover novas ligações em um sistema evolutivo complexo. Aí também o estado de repouso pode ser alcançado como no exemplo do ato sexual. Mas Eros retoma sistematicamente seu curso provocando novas tensões.

Como já foi observado acima, a teorização freudiana leva a concluir sobre a possibilidade de dois destinos às pulsões no seu processo de descarga: um deles visa à ligação, à postergação de descarga, acumulando a energia em direção ao desenvolvimento, enquanto que o outro visa ao desligamento, ao escoamento rápido da energia pulsional, portanto à morte.

Na tentativa de encontrar um fundamento positivo à tese sobre as pulsões de morte e de vida, Freud, ao final de seu ensaio, segue um caminho que, em nosso entender, pouco contribui ao esclarecimento do problema. Seu recurso é recorrer à biologia e às observações próprias a esse ramo da ciência. Fazendo assim, afasta-se da especificidade da psicanálise, qual seja, a tentativa de construção de modelos teóricos que permitam a compreensão do funcionamento mental humano, sobretudo a partir de um método específico de observação que é a clínica psicanalítica. A própria especulação biológica, levada a efeito no capítulo VI, revela-se insuficiente e inconclusiva para a tese sobre a natureza das pulsões. Deixando de lado a biologia e retomando o trabalho metapsicológico, novos esclarecimentos surgem ao enigmático problema das pulsões. Freud retifica sua proposição anterior, que incluía as pulsões de autoconservação no grupo das pulsões de morte. Lembra que o eu psicológico, que inicialmente era conhecido

apenas como instância repressora, poderia também vir a ser *objeto* das pulsões sexuais. A libido, portanto, poderia dirigir-se ao eu (libido narcísica), ou ao objeto, sendo essa a expressão de um novo conflito. Nesse sentido, as então conhecidas pulsões de autoconservação seriam expressão dessa libido narcísica. No entanto, diz ele, tal proposição teórica o situava novamente ao lado dos que propunham haver apenas uma força pulsional, tese essa que ele sempre recusou. Para manter a sua concepção dualista, retoma a oposição: pulsões sexuais ou de vida (nas quais inclui as de autoconservação) x pulsões de morte. As primeiras buscando a ligação e a formação de novas unidades, implicando em aumento das tensões que, posteriormente, podem ser satisfeitas através dos processos vitais (o ato sexual pode ser a expressão prototípica da ação de Eros, pois a descarga é a etapa final de um processo que se desencadeia com a percepção do desejo e do aumento das excitações). Essas, no entanto, não se exaurem por completo, pois o desejo retorna causando novo aumento de tensões). Já as pulsões de morte visam à eliminação das tensões e ao retorno à inércia do anorgânico. Obtêm êxito através do desligamento e sua expressão seria a ausência de desejo ou de qualquer tensão que possa pôr em movimento o processo vital. Tal condição corresponde à morte definitiva do organismo vivo.

Mas Freud vai adiante e busca retirar de sua teoria a compreensão de outro tipo de polaridade: aquela que opõe o amor ao ódio do objeto. Na tentativa de relacionar ódio e agressão com a pulsão de morte, faz uma manobra que nos parece desfigurar a proposta inicial deste conceito. Refere-se ao sadismo, reconhecido, até então, como componente da pulsão sexual, e lança a seguinte questão: “Não seria sugestiva a ideia de que em verdade esse sadismo seria a pulsão de morte que a libido narcísica logrou afastar do Eu, de modo que essa pulsão só consegue manifestar-se no objeto? Se fosse assim, poderíamos prosseguir supondo que essa pulsão de morte, agora na forma de sadismo, passaria então a servir à função sexual” (1920, p. 175).

Essa hipótese apresenta o atrativo de propor uma solução teórica para uma das mais inquietantes questões da psicanálise que é a natureza do ódio ao objeto. Não podemos negar que, valendo-se dessa proposição, boa parte dos desenvolvimentos teóricos sobre o assunto tendem a equacionar ódio e agressividade com pulsão de morte<sup>5</sup>. A facilitação teórica, entretanto, desconsidera alguns paradoxos que logo se impõem sobre a natureza das pulsões como até aqui fora sugerida por Freud. Uma pulsão não aceita negociações. Ainda que sofra a ação do recalçamento, não abandona o empenho de alcançar a sua meta a qualquer

---

<sup>5</sup> É o que se pode constatar na obra de Melanie Klein e seus seguidores.

custo. Sobre isso se sustenta a psicopatologia freudiana. Na proposição original, Freud (*Ibid.*) sugere a ocorrência de uma pulsão cuja meta é levar o organismo vivo a seu estado anterior, o anorgânico. O *objeto*, portanto, é sempre o próprio sujeito. Nesse sentido seria inconcebível uma pulsão de morte que não fosse narcisista. Sua ação se dá pelo desligamento, o que faz com que o objeto seja desconsiderado. O reconhecimento do objeto pressupõe, por sua própria natureza, um ato de ligação. Essa pode ser por amor ou por ódio, mas, em qualquer das hipóteses, visa ao objeto. Ora, o que Freud propõe é uma espécie de gesto sedutor por parte da pulsão de vida sobre a pulsão de morte como se dissesse: “Deixe de lado essa sua meta insensata de autoaniquilação, proteja-se, pois tenho algo muito mais interessante sobre o qual você pode exercer sua força, o objeto. Mas, para isso, é preciso que você se interesse pelo objeto, mesmo que seja para destruí-lo”. Se tal fosse possível, não teríamos mais a pulsão de morte em sua concepção original, mas um outro conceito.

A preservação da ideia original não impede que seja quase impossível verificar, na clínica, a ação pura de uma só pulsão. As duas lutam constantemente nos indivíduos, mas não se aliam com o propósito de encontrarem um objetivo comum. A ambivalência é a marca de uma mistura não homogênea da massa de amor e ódio. Entendemos que o conceito de uma pulsão que se volta para o próprio sujeito no intuito de levá-lo à morte revela-se de grande utilidade clínica, sobretudo quando lidamos com as chamadas patologias do vazio, nas quais se incluem as depressões severas, os quadros psicossomáticos, as adições etc., onde predominam a desvitalização, a ausência de representações ou o desprezo pelos vínculos objetivos.

Surpreende-nos esse recurso teórico sobre a questão do ódio, pois Freud já havia tratado do tema em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915) de uma maneira bastante pertinente, quando tentava compreender a reversão do amor em ódio. Diz ele que, a partir do eu inicial (que coincide com tudo que é prazeroso, sendo indiferente ao mundo externo), deriva-se um eu prazer purificado que ainda coloca a característica de prazer acima de qualquer outra, mas para o qual já há uma diferenciação entre externo e interno. Para esse, toda experiência prazerosa é incorporada ao eu, enquanto é expelido para o exterior aquilo que sente como hostil. Constitui-se assim a polaridade: eu sujeito prazer x mundo exterior (desprazer, anteriormente indiferença). “Quando o objeto entra em cena, na etapa do narcisismo primário, desencadeia-se também o pleno desenvolvimento da segunda oposição ao amar, o já mencionado odiar” (1915, p. 159) E mais adiante: “Enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor” (p. 161). Freud, em *Pulsões e destinos da pulsão*, é explícito em afirmar que a relação de



ódio provém da luta do eu pela sua sobrevivência, ou seja, pela ação da pulsão de vida. Não haveria, portanto, razão para propor uma nova teoria que desse conta do ódio e da destruição do objeto.

## Conclusão

Nosso propósito neste estudo foi dispor da potencialidade heurística do texto freudiano para abrir alternativas de progressão teórica em temas ainda obscuros da teoria psicanalítica. Não visamos oposição a algumas teses sugeridas, pelo contrário nossa tentativa é de ampliá-las ou torná-las mais precisas. Enfim, buscamos seguir o conselho do mestre no fechamento de seu livro:

Por sua vez, este tema também se articula com diversas outras questões às quais no momento não temos como responder. É preciso, contudo, que sejamos pacientes e aguardemos até que tenhamos outros recursos de investigação e que se abram novas oportunidades para prosseguirmos com outros estudos [...] Somente os crédulos, os que exigem da ciência um substituto para o catecismo abandonado, repreenderão o pesquisador por este desenvolver, ou mesmo reformular, seus pontos de vista (1920, p. 182). □

## Abstract

### Comments on *Beyond the pleasure principle*

This article is the result of study group discussions, whose purpose is to rethink Freud's work. We decided to present our interpretation of *Beyond the pleasure principle* (Freud, 1920) because it is one of the most controversial psychoanalytical texts. We chose to provide our ideas on four themes that dominate Freud's theory. The first topic concerns the overlap between an economic principle of amounts of energies and another principle of sensorial aspects such as pleasure and displeasure. The theoretical difficulty seems to arise from the attempt to equate pleasure and discharge. We suggest removing the pleasure principle from the economic theory, relocating it within the aesthetic experience (sensorial experience). Another theory developed in Freud's work is related to the unbound and bound energies. We question Freud's proposal which suggests that the unbound energy is a characteristic of the primary process, whereas the bound energy is typical of the

secondary process. The third topic relates to repetition-compulsion, which leads us to recognize two forms of occurrence of this phenomenon: one that would be driven by Eros in an attempt to facilitate the binding process, and another one that would only be aimed at discharge, in the sense of maintaining the inertia. Finally, we tried to build a critical approach towards the attempt to correlate hate and aggression to death instinct.

Keywords: death instinct, life instinct, pleasure principle, unbound and bound energies, repetition-compulsion, hate, aggression.

## Resumen

### **Comentarios sobre *Más allá del principio del placer***

Este trabajo resulta de discusiones ocurridas en grupo cuyo propósito es reestudiar la obra de Freud. Decidimos por presentar nuestra relectura de *Más allá del principio del placer* (Freud, 1920) porque ese es uno de los textos que más viene provocando polémicas entre los psicoanalistas. Optamos por exponer nuestras observaciones sobre cuatro temas que dominan la teorización de Freud. El primer de esos temas se refiere a la superposición entre un principio económico de cantidades de energías y otro de cualidades sensoriales como placer y displacer. La dificultad teórica parece resultar del intento de ecuacionar placer y descarga. Sugerimos reasignar el principio del placer fuera de la teoría económica, definiendo su espacio dentro de la experiencia estética (sensorial). Otra teorización desarrollada en el texto se refiere a las energías libres y conectadas. Cuestionamos la propuesta freudiana que sugiere que la energía libre es característica del proceso primarios, siendo la energía conectada propia del proceso secundario. El tercer tema sobre la compulsión a la repetición nos lleva a reconocer dos formas de ocurrencia de este fenómeno: una que sería impulsada por Eros, en el intento de viabilizar conexiones, y otra que visaría solamente a la descarga, en el sentido de mantener la inercia. Finalizando, buscamos construir un acercamiento crítico al intento de relacionar odio y agresión con la pulsión de muerte.

Palabras clave: pulsión de muerte, pulsión de vida, principio del placer, ligazón, desligamiento, compulsión a la repetición, odio, agresividad.

## Referências

- Borges, J. L. (1944). Funes el memorioso. In *Ficciones*. Buenos Aires: La Nación, 2005.
- Freud, S. (1895). Estudos sobre histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 5-297). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vols. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 63-77) Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol.1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol.2, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1923). O eu e o id. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol.3, pp. 13-92). Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol.3, pp. 103-124). Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- Freud, S. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 20, pp. 95-201). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1973.

Recebido em 29/08/2014

Aceito em 29/10/2014

Revisão técnica de **Tula Bisol Brum**

**Paulo Henrique Favalli**

Rua Carvalho Monteiro, 234/602

90470-100 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: phfavalli@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA